

CIRCO E LAZER: PRÁTICAS CIRCENSES EM CONTEXTOS DE RECREAÇÃO

CIRCUS AND LEISURE: CIRCUS PRACTICES IN RECREATIONAL CONTEXTS

CIRCO Y OCIO: PRÁCTICAS CIRCENSES EN CONTEXTOS DE RECREACIÓN

Isabel Witt Lunardi¹
Ana Lucia Zattar Coelho²
Nicolly Janine Batista³

Resumo

Oficinas de artes circenses são comuns em espaços de recreação, como colônias de férias e eventos empresariais. Em vista disso, o objetivo do presente artigo é investigar como as artes circenses são praticadas nestes locais; analisaram-se, também, os principais desafios enfrentados pelos profissionais que atuam na área. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com uma análise do estado da arte do tema. Os resultados indicaram inúmeras lacunas conceituais sobre a aplicação de atividades circenses como opção de lazer mediada; sugerem-se, portanto, mais estudos acerca do assunto, para auxiliar a prática de profissionais que trabalham com circo e recreação.

Palavras-chave: circo; recreação; lazer; artes circenses; práticas circenses.

Abstract

Circus arts workshops are common in recreational spaces, such as summer camps and business events. Therefore, the objective of this article is to investigate how circus arts are practiced in these places; the main challenges faced by professionals working in the area were also analyzed. As for the methodology, it is bibliographical research, with an analysis of the state-of-the-art of the theme. The results indicated numerous conceptual gaps about the application of circus activities as a mediated leisure option; thus, further studies on the subject are suggested, to assist the practice of professionals who work with circus and recreation.

Keywords: circus; recreation; leisure; circus arts; circus practices.

Resumen

Talleres de artes circenses son frecuentes en espacios de recreación, como colonias de vacaciones y eventos empresariales. Por ello, el objetivo de este artículo es investigar cómo las artes circenses son practicadas en esos lugares; se analizan, también, los principales retos enfrentados por los profesionales que actúan en esa área. Sobre la metodología, se trata de una investigación bibliográfica, con análisis del estado del arte del tema. Los resultados indican innumerables lagunas conceptuales sobre la aplicación de actividades circenses como opción de ocio inmediata; se sugiere, por lo tanto, la realización de estudios sobre el tema, para apoyar la práctica de profesionales que actúan con circo y recreación.

Palabras-clave: circo; recreación; ocio; artes circenses; prácticas circenses.

1 Introdução

¹ Graduada em Educação Física pelo Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: belwi88@gmail.com.

² Professora no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: ana.coe@uninter.com.

³ Especialista em Educação Física Escolar pelo Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: nicollybatista@yahoo.com.br.

Oficinas de artes circenses são comuns em espaços de recreação, como colônias de férias e eventos de empresas; entretanto, indagam-se as seguintes questões: como tais oficinas são apresentadas nesses ambientes? Qual o entendimento dessas práticas no campo do lazer? Como os profissionais entendem essa relação? Qual a formação do profissional que trabalha com as artes circenses em locais de lazer e recreação? Estas perguntas partiram da observação de que, embora elementos da cultura do circo sejam muito comuns em espaços de recreação, como, por exemplo, palhaços em festas, oficinas de malabarismo em colônias de férias, entre outros, ainda há pouca discussão sobre como as modalidades do circo são apresentadas, bem como sobre essa relação com o campo dos estudos do lazer.

Em vista disso, este artigo tem por objetivo compreender, através de uma pesquisa bibliográfica, a relação entre as artes circenses e suas práticas em espaços de lazer; ademais, pretende-se entender o atual estado da arte circense na recreação e os desafios desse campo de atuação — que também é uma área para profissionais de educação física.

Frequentemente, em ambientes de recreação, as artes circenses são apresentadas em formato de oficinas, que podem ser atividades inovadoras, agradáveis, seguras e didáticas, além de promoverem a apreciação da arte circense. Por espaços de recreação entendemos: parques, colônias de férias, clubes, eventos e oficinas em vários espaços, como, por exemplo, empresas, shoppings, escolas, festas, entre outros. Entretanto, o estudo sobre as práticas circenses, e como são apresentadas em contextos de lazer (e o que esperamos dessas práticas nesses espaços), ainda parece deficitário entre os profissionais que atuam na recreação.

Quando oportunizadas para as crianças e adolescentes, as práticas circenses podem promover o desenvolvimento de inúmeras habilidades motoras, cognitivas e psicossociais, necessárias durante as práticas do circo. Conforme Bortoletto (2010), o interesse pelo circo tem se ampliado em diferentes áreas da sociedade, como recreação e lazer, bem como ambientes pedagógicos diversos. Assim, partindo dessa observação, justifica-se o aprofundamento nesse contexto de atuação profissional, possível para bacharéis em Educação Física.

Os objetivos da pesquisa foram: (a) compreender como as modalidades circenses estão relacionadas com a recreação; (b) promover oportunidades de reflexão sobre as artes circenses em contextos de lazer e recreação; e (c) investigar referências teóricas no campo de estudos do lazer para fundamentar o trabalho. Oportuniza-se, desse modo, um aprofundamento nos conceitos de lazer e das modalidades do circo.

O artigo foi organizado em três seções orientadoras; a primeira parte apresenta uma discussão teórica sobre os conceitos de lazer e recreação, buscando tecer paralelos entre a aplicação acadêmica dos conceitos e como isso é refletido nas práticas. Destarte, compreender

o estado da arte do lazer como campo de estudo foi o ponto de partida para essa investigação bibliográfica, pois, é essencial a compreensão deste fenômeno e seu lugar na cultura.

Na segunda seção, apresentaram-se algumas produções acadêmicas sobre circo e lazer, bem como um breve histórico do circo e das práticas circenses — para compreendermos a pedagogia do circo na recreação. Desde a antiguidade, as artes circenses estão presentes em diferentes culturas; tais artes estão em constante transformação e são influenciadas pelos contextos socioculturais do período histórico vigente. Logo, compreender tais influências e evoluções é fulcral para entendermos o circo atualmente, além de usufruí-lo como opção de lazer.

A terceira seção examina o papel do profissional que trabalha com circo e lazer: qual a formação desse profissional? Ele está preparado para atuar com circo em espaços de recreação? Qual é a formação necessária? Para tal, selecionaram-se referências sobre o perfil profissional da recreação e estudos sobre essas aplicações, e questiona-se: a pedagogia do circo também pensa sobre o lazer?

Buscou-se, então, a criação de uma espécie de mapa teórico-conceitual, para elucidar as perguntas levantadas por essa pesquisa.

2 Investigando o circo, o lazer e a recreação: teoria e prática

2.1 Estudos do lazer: conceitos

Inicialmente, buscou-se compreender o conceito de lazer, partindo de definições oriundas de dicionários. Segundo o Dicionário Aurélio, lazer é “tempo de que se pode livremente dispor, uma vez cumpridos os afazeres habituais”. Já o dicionário Houaiss elucida a origem da palavra: lazer vem do latim *libere*, que significa “aquilo que é permitido, lícito, o que pode ser feito”. Já a palavra recreação vem do latim *recreare*, que significa “restaurar, renovar, recuperar.” Aqui podemos destacar, também, a palavra derivada recreio, que é a oposição ao tempo do trabalho.

Contudo, observa-se que lazer e recreação não são sinônimos totais, sendo, por vezes, sobrepostos (VILELA JUNIOR, 2014). Lazer pode ser um momento de contemplação do ócio, como, por exemplo, quando estamos em algum local agradável, admirando a vista, porém, recreação e lazer podem ser sinônimos de trabalho, pois quem trabalha com recreação não está no seu momento de lazer.

A seguir, analisam-se diversos conceitos teóricos de lazer e recreação. Conforme Dumazedier, um dos primeiros estudiosos da área:

[...] o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1980, p. 34).

Segundo Marcellino (1987, p. 31), lazer é “como a cultura - compreendida no seu sentido mais amplo - vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível.” Este conceito, que relaciona lazer à cultura, talvez seja o conceito mais adequado para pensarmos nas experiências de arte circense como meio de recreação — pois a arte circense é parte da produção cultural da humanidade há milhares de anos, além de estar presente em diferentes culturas. Existem, por exemplo, inúmeros registros de malabaristas em hieróglifos egípcios; ademais, a arte de variedade chinesa, com seus elementos de acrobacia, pirâmides e manipulação de objetos, é valorizada desde o tempo das dinastias imperiais (DANIEL, 2005) — tópico que será contemplado posteriormente.

Quanto aos conceitos de ócio e tempo livre, utilizaremos como embasamento teórico o documentário *Ócio, Lazer e tempo livre*, produzido pelo SescTv. O documentário foi filmado em 2018, durante a realização do 15º Congresso Mundial de Lazer. A obra documentou o evento internacional, em que diversos especialistas da área do lazer são convidados para palestras e eventos sobre lazer, ócio e suas ramificações; o filme é composto por entrevistas com os especialistas, em que os conceitos de ócio, lazer e tempo livre são abordados, sob o viés científico e social.

O Sesc, Serviço Social do Comércio, sempre esteve relacionado à organização do setor do lazer e do turismo. A entidade foca em atender os trabalhadores do comércio e a população geral com ações de cultura, saúde e formação. Desde 1970, o Sesc aparelha um grupo de estudos e pesquisas denominado Centro de Estudos do Lazer (CELAZER), que teve a orientação de Dumazedier (GOMES, 2004).

No decorrer do documentário, são exemplificados, também: ações e espaços de lazer; formas de entender o lazer e o ócio; e o contexto histórico de certas atividades, como lazer. Diferentes perspectivas sobre o tema também são incluídas: relação do poder público com o lazer e seus espaços; festas folclóricas, religiosas e da cultura popular; atividades ao ar livre, entre outras.

Ócio é apresentado em sua definição original, como “lazer estudioso”. O sociólogo Michel Maffesoli afirma que o ócio é uma maneira de se deixar levar e retornar ao que é essencial. Já Alberto Acosta versa que “o ócio deveria ser parte de um processo emancipador

e, possivelmente comunitário” (SESC, 2020, n.p.). Já o pesquisador Ricardo Uvinha, acadêmico brasileiro do turismo, explica como o *negócio*; a negação ao ócio teve muito mais privilégio no século XX.

O lazer também é discutido sob diferentes vieses. Esperanza Osorio, por exemplo, concebe lazer como uma oportunidade de aprender outras coisas, além de estar relacionado a ser amador em alguma área (SESC, 2020). Podemos considerar, aqui, os esportistas amadores, que dedicam seu tempo para a atividade que os agrada, sem outras ambições além do prazer pela prática.

Outro ponto abordado é o significado individual de lazer; para muitas pessoas andar de bicicleta é uma atividade de lazer, porém, para um entregador andar de bicicleta é trabalho — e, talvez, esta atividade não seria sua escolha de lazer em seu tempo livre.

Entretanto, é fulcral, para compreendermos o conceito de lazer, citarmos que no Brasil ele é um direito social — assegurado na Constituição Federal brasileira, nos artigos 6º, caput, artigo 7º, IV, artigo 217, § 3º, e artigo 227:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, n.p.).

Este direito também está assegurado na Declaração Mundial dos Direitos Humanos:

Toda pessoa tem direito ao repouso e aos lazeres, especialmente a uma limitação razoável da duração do trabalho e a férias periódicas pagas (ONU, 1948, p. 4).

Sendo o lazer um direito assegurado pela constituição, é fulcral a existência de políticas públicas de lazer; assim, tanto o governo federal quanto as cidades devem assegurar que existam programas de lazer disponíveis para a população. Destarte, se lazer é direito, não pode somente ser concebido apenas como mercadoria, o que acontece frequentemente nos ambientes urbanos, em que as opções de lazer, muitas vezes, são shoppings centers.

Portanto, refletir sobre o contexto do lazer e da recreação é falar, também, de políticas públicas. Ademais, esta discussão é essencial para a profissionalização dos agentes que irão atuar com lazer, o que inclui futuros profissionais de educação física.

2.2 O circo e o lazer: passado e presente

A partir disso, vamos para o segundo viés de investigação: as produções sobre circo no campo do lazer. A produção acadêmica sobre circo não explora muito os ambientes de lazer e recreação como um espaço para prática e divulgação da arte; o enfoque maior de tais produções está na pedagogia do circo e na inclusão das disciplinas circenses na educação física escolar. Um artigo publicado na revista *Licere*, volume 19, em setembro de 2016, aborda o circo em espaços públicos como opção de lazer:

[...] o circo tem se manifestado na contemporaneidade com finalidades mais amplas do que no passado (BORTOLETO; MACHADO, 2003), extrapolando sua forma clássica de espetáculo e entretenimento e alcançando novos objetivos sociais, entre eles a promoção da saúde, a educação social (arte-educação) e o lazer (SILVA, 2009). Vemos, então, um circo que deixou de ser uma prática exclusivamente de contemplação (passiva para a maior parte do público) para ser uma possibilidade de prática (de vivência), uma revolução recente e que vem causando enormes mudanças no entendimento sobre esse fenômeno (WALLON, 2009 apud FERNANDES *et al.*, 2016, p. 168).

Como explica Fernandes (2016), as artes circenses, que eram apresentadas ao público passivamente, passaram a ser oportunizadas para diferentes públicos, como experiência de fruição. Entretanto, para analisar melhor o circo na atualidade, faz-se necessário examinarmos brevemente a história do circo e as mudanças que ocorreram ao longo dos anos.

Atualmente, pode-se dividir a arte circense em três categorias principais: a tradicional: das famílias de circo (onde os artistas nascem sob a lona e seguem trabalhando no ofício dos pais); o novo circo ou circo contemporâneo: com elementos teatrais e multimídia (onde a maioria dos artistas não é de família tradicionais de circo); e os artistas de rua: que há séculos espalham a arte circense no espaço urbano (artistas muitas vezes independentes, viajantes e inventivos), promovendo a arte circense em qualquer lugar que o público esteja (OLIVEIRA *et al.*, 2013).

Historicamente, o que entendemos como circo moderno se desenvolveu por influências da *Commedia Dell'Arte* — teatro italiano de rua de improviso, mímicas e acrobacias e das apresentações de cavalaria inglesas (BABINSKI, 2004 apud OLIVEIRA *et al.*, 2013). Conforme Bolognesi (2002 apud OLIVEIRA *et al.*, 2013), o circo moderno é resultado da união de mundos extraordinários e, até então, distintos: a arte equestre inglesa, dos quartéis militares e a arte dos saltimbancos.

Philip Astley, um ex-oficial da cavalaria Inglesa, é considerado o pai do circo moderno. Em seu anfiteatro (inaugurado em 1773), Astley reuniu nas apresentações acrobacias equestres espetaculares em uma pista circular a céu aberto, revezando-as com esquetes cômicas de saltimbancos (que já se apresentavam nas ruas e praças por toda a Europa) — o que atraiu mais

interesse do público. Assim, este foi o espaço que começou a estruturar nossa compreensão de circo atual, com picadeiro redondo e arquibancadas (OLIVEIRA *et al.*, 2013).

Esta imagem se fortaleceria no século XIX com o circo Americano; ao cruzar o atlântico, o circo se transformaria em um empreendimento grandioso de entretenimento, incluindo outros tipos de espaços e apresentações (*sideshow*s, criaturas bizarras, exposição de animais etc.). Ao utilizar lonas para montar os circos em cada localidade e trens para viajar pelos Estados Unidos — com suas gigantes trupes de artistas —, o circo atingiu proporções que marcaram a cultura de uma época (DANIEL, 2005). Logo, pode-se considerar o circo o espetáculo de entretenimento mais grandioso e lucrativo entre 1850 e o início de 1900.

No Brasil, saltimbancos e famílias ciganas europeias já se apresentavam antes de 1800, viajando e adaptando suas apresentações de acordo com a cultura local (OLIVEIRA *et al.*, 2013). Contudo, o primeiro registro oficial do circo no Brasil foi em 1869, com a chegada do circo de Giuseppe Chiarini. Chiarini foi adestrador dos cavalos de D Pedro II, além de proprietário de um circo de grande porte, composto por oitenta artistas, quarenta cavalos e feras exóticas — que percorreu o nordeste e o sudeste do Brasil.

Com o tempo, inúmeras companhias circenses foram surgindo no Brasil, porém, as famílias circenses passavam seus saberes somente para quem vivia no circo:

Os circos formados por essas famílias circenses receberam o nome de “Circo dos Tradicionais”. E isso era a base de sustentação desses circos. Os saberes eram passados somente aos que ali viviam e que tornava uma escola única e permanente, isso era suficiente para montagem do circo, números ou peças, crianças e adultos eram ensinados (HENRIQUES, 2006 apud OLIVEIRA *et al.*, 2013, p. 3-4).

Ao longo do tempo, o circo foi se modificando e dialogando com outras artes — música, dança e teatro —, ampliando suas expressões. Posteriormente, começaram a surgir escolas de circo para formação profissional de artistas que não vieram de família de circo, bem como companhias de circo que não se apresentam sob uma lona. Inspirada tanto nas modalidades do circo tradicional ou contemporâneo, a arte circense ainda é o uma opção de cultura e lazer; assim, podemos nos divertir tanto como espectadores quanto como participantes de oficinas e eventos com práticas circenses.

2.3 O profissional do lazer e as artes do circo

Após abordarmos os conceitos de lazer e recreação, as transformações históricas do circo e suas manifestações contemporâneas, investigar-se-á o olhar pedagógico dado às artes circenses e à produção acadêmica sobre esse tema, para, então, compreendermos quem é o

profissional que atua com circo e lazer. Em um artigo publicado em 2012, Teresa Ortañon, Rogério Duprat e Marco A. Bortoleto (alguns dos pesquisadores brasileiros mais ativos no campo do circo e pedagogia do circo), realizaram um estudo onde coletaram mais de 90 publicações acadêmicas distintas, para analisar de que forma a aplicação circense é abordada e como essa produção atende educadores em espaços e contextos diversos. Após seleção de artigos brasileiros e estrangeiros, eles perceberam que antes dos anos 90 havia um número pequeno de publicações europeias dedicadas à melhoria técnica de modalidades circenses específicas (acrobacia, malabares).

Nos anos seguintes, a produção aumentou e mais livros e artigos foram publicados, considerando, também, as artes circenses em ambientes escolares (ONTANÓN; DUPRAT; BORTOLETO, 2012); contudo, somente depois do ano 2000 houve um aumento significativo de publicações. Os autores consideram que houve um movimento dos governos e da mídia de “reconhecimento social do circo” e, aliado a isso, a renovação de conteúdos da Educação Física. Entretanto, consideram que ainda falta suporte das instituições de ensino superior quanto à formação inicial dos profissionais que irão atuar na área:

Em primeiro lugar, importa lembrar que ao longo desta revisão da literatura tivemos acesso a dezenas de pesquisas acadêmicas, desde trabalhos de conclusão de curso de graduação (TCC) até teses de doutorado. No que tange particularmente aos TCCs, esta produção, apesar da sua pouca profundidade teórica, ilustra como muitos graduandos de Educação Física estão atentos a esta "nova" possibilidade. Deste modo, caberá às IES dar conta desta demanda, bem como qualificar seus docentes para tratar deste assunto (ONTANÓN; DUPRAT; BORTOLETO, 2012, p. 163).

Considerando os conteúdos das produções, os autores concluíram que a maior parcela da literatura foca nos procedimentos técnico-pedagógicos do ensino de modalidades circenses. Apesar de isso demonstrar um avanço no interesse pelas aplicações de práticas circenses por profissionais de educação física, nota-se que, em alguns casos, as atividades de circo são “utilizadas como elemento motivador” (ONTANÓN; DUPRAT; BORTOLETO, 2012, p. 165), ignorando a potência formativa para desenvolver educação estética, expressividade etc. Dessa maneira, os autores concluem que seguimos carecendo de fundamentação teórica e formação:

Por outra parte, as publicações revelam casos em que as atividades circenses são "utilizadas" como elemento motivador, sem que seu amplo potencial educativo (de formação em expressividade, em comunicação, em educação estética, etc.) seja desenvolvido. Assim, somente com uma melhor fundamentação teórica e metodológica e com reais investimentos em formação é que poderemos superar estas limitações. De fato, algumas das experiências relatam práticas que expõem os alunos a situações de duvidosa segurança, o que pode depor contra este tipo de prática num futuro imediato. A fragilidade teórica e metodológica, apontada mais de uma vez ao longo deste estudo, reflete a incipiência deste campo, bem como da prevalência de

uma abordagem empírica, assistemática e procedimental. Neste sentido, e em consonância com o sugerido por Bortoleto *et al.* (2008 e 2010), acreditamos na urgente necessidade de estudos mais aprofundados, de caráter longitudinal, comparados e até experimentais, visando a subsidiar cientificamente os profissionais que desejam atuar com este conteúdo, condição primordial para a superação do senso comum [...] (ONTAÑÓN DUPRAT; BORTOLETO, 2012, p. 165).

Após realizada esta retrospectiva histórica do circo e suas transformações, podemos iniciar o terceiro ponto dessa investigação: a pesquisa sobre o profissional que atua no campo do lazer e, conseqüentemente, como esse profissional trabalha com circo.

O profissional do lazer pode ser chamado por mais de uma nomenclatura: animador, mediador, monitor ou educador:

De acordo com o Isayama (2010; 2013) não se tem uma formação e uma profissionalização com uma única especificidade no campo do lazer, gerando a possibilidade de diferentes profissionais atuarem. Dialeticamente, provoca-se um movimento que produz um processo carente na formação e profissionalização daqueles que atuam em tal campo, o que pode gerar um desconforto e um desconhecimento profissional, ou seja, atuar no campo do lazer não é ofício e nem puramente uma profissão. O campo necessita de um profissional que tenha clareza e domínio de sua especificidade em sua área ou campo de conhecimento. Por reconhecer essa característica multidisciplinar inerente ao lazer, Isayama (2013) atenta para uma organização de formação interdisciplinar. Lembrando que ainda existem preconceitos e limitações no campo com visões arbitrárias que desconsideram a formação específica do profissional que atuará especificamente no campo do lazer (ALVES, 2019, p. 171).

Percebe-se, por intermédio dos estudos de Isayama (2013), que a falta de clareza sobre a formação para o trabalho com lazer é um desafio para a valorização deste campo de atuação, além de causar confusão e desconhecimento na área. Destarte, a formação para área do lazer parece ser um caminho possível para que os profissionais possam atuar na área e serem apreciados em sua especialidade.

Segundo Alves (2007), a animação sociocultural pode ser vista como uma ferramenta metodológica, que pode retomar o compromisso com a sociedade através de construções e trocas de saberes ao redor do lazer — uma ação pedagógica sobre o lazer. Ao autor versa, também, que essas práticas podem mudar e interferir na vida dos sujeitos, contribuindo nas suas atitudes sociais, morais e culturais, podendo ser parte de uma busca por uma sociedade mais justa e humanizada. Assim, percebe-se a relevância do trabalho com recreação para a sociedade, pois o lazer é transformador e promove experiências de liberdade e prazer.

Quanto ao valor social da atuação profissional no lazer e recreação, Mello (2018, p. 417) afirma que “a grande contribuição da animação cultural é implementar concretamente um sentido de revolução relacionado à quebra da monotonia e à construção de uma ideia radical de

liberdade de escolha”. Ele aborda que isso não seria somente parte de um processo individual de escolha, mas apropriação de outra possibilidade de construção coletiva. Assim, a recreação, como o circo e suas modalidades, pode ser uma metodologia que contribui com as escolhas próprias do sujeito.

Em vista disso, questiona-se: como os profissionais da recreação estão atuando com arte circense nos espaços de lazer? Empiricamente, observa-se uma variedade de profissionais; alguns são profissionais de educação física, outros artistas de circo, profissionais do turismo ou de áreas correlatas. Portanto, dada essa variedade, como pensar na formação para esse nicho?

Conforme Isayama (2013), podemos pensar em formações que aliem conhecimentos; porém, tal formação deve estar relacionadas a questões específicas, foco desta pesquisa. Logo, uma formação multidisciplinar e contínua é essencial para que profissionais da recreação possam respeitar as artes do circo como manifestações culturais complexas. O circo, muitas vezes, é apresentado de forma estereotipada, o que pode limitar o acesso à cultura do circo, bem como desvalorizar os profissionais; assim, deve-se promover o acesso das pessoas às artes circenses de forma integral e divertida, sem desprezar a história da arte do circo e de seus artistas.

3 Metodologia

A metodologia utilizada nessa investigação foi pesquisa bibliográfica. Através da pesquisa de artigos e produções acadêmicas, realizou-se uma análise do estado da arte para compreender como os tópicos se entrelaçam — além de investigar como a academia aborda os temas referentes ao circo e ao lazer.

Segundo Sousa *et al.* (2021, p. 65), “a pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas.”

De acordo com os autores, o início de uma pesquisa científica é a pesquisa bibliográfica, em que há uma busca por estudos já realizados para conhecer e analisar o tema investigado. A pesquisa bibliográfica faz parte da escolha do método e permite ao pesquisador o reconhecimento da produção sobre o campo em estudo: “Os instrumentos que são utilizados na realização da pesquisa bibliográfica são: livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados.” (SOUSA *et al.*, 2021, p. 66).

Nesse artigo, realizou-se uma pesquisa prévia em bases de dados, que culminou em 20 artigos que contemplavam temas de circo ou lazer. A partir disso, seguindo critérios para selecionar as produções que mais se relacionavam com a questão orientadora dessa pesquisa, foram escolhidos 11 artigos. Após leitura cuidadosa, os temas das produções foram investigados e relacionados, fornecendo, assim, elementos para a presente discussão ser fundamentada, segundo o método científico.

Através do método aplicado, observou-se a importância de uma revisão teórica que relacione os estudos do lazer com a pedagogia circense para quem busca formação para atuação na área de recreação e artes circenses.

4 Considerações finais

Após investigar pesquisas e artigos sobre lazer, recreação, práticas circenses e pedagogia do circo, e relacionar reflexivamente os temas, observaram-se inúmeras lacunas conceituais na produção acadêmica sobre a aplicação de atividades de circo como opção de lazer mediada (realizada por profissionais na recreação); ou seja, é preciso mais produções que possam fundamentar a prática dos profissionais que trabalham com circo e, conseqüentemente, valorizar profissionalmente os recreadores.

Na formação em educação física, o escopo da formação profissional pode possibilitar visões ampliadas de atuação com o lazer, buscando valorizar o caráter interdisciplinar das práticas corporais, da arte circense e dos conceitos de lazer.

Tecer essas conexões, e tratá-las como parte dos fenômenos culturais complexos que as interconectam, poderia ser um caminho para ampliar a preparação teórico-prática de acadêmicos e futuros profissionais. Produções acadêmicas que relacionem os estudos da pedagogia do circo com as práticas de recreação são fundamentais para próximas gerações de profissionais de educação física, atuantes no campo do lazer. Ademais, colaborações entre universidades, prefeituras, clubes e outras iniciativas da sociedade civil — que buscassem a promoção de grupos de pesquisa e formação continuada voltados aos profissionais da recreação e do lazer — auxiliariam para este crescimento.

As artes circenses são um conjunto histórico de feitos extraordinários realizados por pessoas comuns, que encantam a humanidade há muitos séculos. Desse modo, tais artes devem ser vividas em toda sua potencialidade, por todos que tenham interesse — como um exercício de cultura e liberdade. Os profissionais que trabalham com circo e recreação têm a possibilidade de levar esse encantamento a todos interessados, podem fazer, assim, o show continuar na

experiência disruptiva de cada indivíduo em seu tempo livre, tempo de não-trabalho: tempo de liberdade.

Referências

ALVES, C. O lúdico como dispositivo pedagógico: formação e atuação profissional no campo do lazer. **Rev. Int. de Form. de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 4, n. 3, p. 167-189, jul./set., 2019

ALVES, C.; MARCELLINO, N.C. O profissional de Educação Física como animador sociocultural atuando nos clubes da cidade de Americana-SP: Contribuições nas relações entre o lazer e a idade adulta. **Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p.1-19, abr. 2008. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/view/636/519>. Acesso em: 11 ago. 2018.

BRAGA, I. F.; SANTOS A. R. B. Concepções de lazer sob a perspectiva dos adultos. **Licere**, Belo Horizonte, v.22, n.4, dez/2019. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/licere/> Acesso em: 6 set. 2020.

BRASIL. [**Constituição (1988)**]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2022]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 fev. 2019.

DANIEL, Noel. **The Circus 1870s-1950s**. 2. ed. Colônia: Taschen, 2010. 544 p

DOCUMENTÁRIO: Ócio, lazer e tempo livre. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (1h30m). Publicado pelo canal SescTV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eJdWDQDXv4>. Acesso em: 14 fev. 2022.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: Sesc. 1980.

GOMES, C. M. **Dumazedier e os estudos do lazer no Brasil**: Breve trajetória histórica. 2004. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/dcefs/Prof._Adalberto_Santos/1-dumazedier_e_os_estudos_do_lazer_no_brasil-_breve_trajetoria_historica_12.pdf. Acesso em: 14 fev. 2022.

FERNANDES, J. A. M.; RIBEIRO O. C. F. R.; BORTOLETO, M. A. C. Lazer e Espaços Públicos. **Licere**, Belo Horizonte, v.19, n. 3, set/2016. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/licere/> Acesso em: 6 set. 2020.

FREITAS, M. A., GABRIEL, B. J.; PINTO, G. M. C.; PEDROSO, B. **Esporte e Lazer**. **Licere**, Belo Horizonte, v. 22, n. 4, dez/2019. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/licere/> Acesso em: 6 set. 2020.

ISAYAMA, Hélder. O profissional do lazer. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 23, set./dez., 2013.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 1987.

MELO, Victor. Vai Malandra”, Anita e a Urgência da Animação Cultural. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, jun. 2018.

OLIVEIRA, Rafael Zacharias *et al.* Do Circo Moderno ao Novo Circo: breves relatos sobre uma história de arte. lazer e entretenimento: breves relatos sobre uma história de arte. lazer e entretenimento. **Sesc**, [S.l.], 2013. Disponível em: https://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/e6a4eb76-6f57-4750-a8e8-01f0efc6b6eb/16B_Do+circo+moderno+ao+novo+circo.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=e6a4eb76-6f57-4750-a8e8-01f0efc6b6eb. Acesso em: 23 ago. 2021.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris: ONU, 1948. Disponível em: http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/declaracao_universal_dos_direitos_do_homem.pdf. Acesso em: 14 fev. 2022.

ONTAÑÓN, Teresa; DUPRAT, R.; BORTOLETO, M. Educação Física e atividades circenses: “o estado da arte”. **Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 149-168, 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/22960/19068>. Acesso em: 23 ago. 2021.

PINES J., A. R. & UVINHA, R. R. (2015). Atividade física como opção de lazer: reflexões 362 sobre os jovens frequentadores do “sesc consolação”. **Educación Física y Deporte**, v. 34, n. 2, p.359-388, jul.-dez. 2015.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, [S.l.], v. 20, n. 43, p. 64-83, jan. 2021. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/issue/view/141>. Acesso em: 23 ago. 2021.

TEODORO, A. P. E.; SCHWARTZ, G. M. Programa Lúdico para o Âmbito corporativo. **Licere**, Belo Horizonte, v. 22, n. 4, dez. 2019. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/licere/> Acesso em: 6 set. 2020.

VERSIANI, I. V. L. O Debate da Qualidade de Vida como Instrumento de Democratização. **Licere**, Belo Horizonte, v. 22, n. 4, dez. 2019. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/licere/> Acesso em: 6 set. 2020.

VILELA JUNIOR, G. B. **Metodologia da pesquisa científica e bases epistemológicas**. 2. ed. Campinas: CPAQV Editora, 2014.